

***“HOMOSSEXUALIDADE É UM HOMEM QUE NÃO DEIXA DE SER HOMEM, MAS QUE SE ATRAI POR OUTRO HOMEM”*: ABORDANDO DIVERSIDADE SEXUAL NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Mac Cleide de Jesus Braga Amaral ¹

Marcos Lopes de Souza ²

RESUMO

O presente texto tem como propósito apresentar e analisar uma ação pedagógica desenvolvida no âmbito de uma pesquisa de mestrado realizada nos anos iniciais do ensino fundamental, especificamente no componente curricular de Ensino de Ciências. A atividade em questão consistiu na realização de um circuito em sala de aula, que objetivou a discussão das temáticas sexualidade e diversidade sexual. A pesquisa, de natureza qualitativa e colaborativa, foi conduzida em uma turma do 5º ano e envolveu a produção de distintos materiais empíricos ao longo de encontros, entrevistas e intervenções em sala de aula, realizadas com a participação da pesquisadora, da professora regente e das vinte e oito estudantes. No decorrer dessa trajetória, realizamos uma aula/ação em forma de circuito/jogo recreativo de habilidades motoras e cognitivas, com desafios, obstáculos e perguntas, perspectivando problematizações acerca da temática supracitada, que será apresentada e discutida neste texto. Este estudo estrutura-se nas seções a seguir: Introdução, que justifica a pesquisa, apresenta os objetivos e contextualiza a ação analisada; Metodologia, que descreve o tipo de investigação realizada, a ação eleita para análise e o referencial teórico-metodológico que se aproxima da perspectiva pós-estruturalista; Resultados e Discussão, tópico no qual apresentaremos e analisaremos a ação e as dinâmicas desenvolvidas; findando com as Considerações, seguida das Referências. Ao analisarmos a experiência proporcionada ao longo da proposta colaborativa, na aula/ação com foco na abordagem de sexualidade e diversidade sexual, percebemos que mesmo tendo se permitido, em alguns momentos a professora se posicionou demonstrando reafirmar alguns estereótipos e preconceitos que atravessam sua visão e práticas, no entanto, tanto a docente, quanto as discentes, se envolveram no debate, problematizações e questionamentos acerca da temática.

Palavras-chave: Sexualidade, Diversidade Sexual, Parceria colaborativa, Ensino de Ciências, Ensino fundamental.

1. Introdução

O reconhecimento da sexualidade como uma dimensão constituinte e presente no desenvolvimento humano, em qualquer fase da vida, demanda que o ambiente escolar promova

¹ Doutoranda do Curso de Pós-Graduação em Educação Científica e Formação de Professores de Ciências e Matemática da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) - Jequié-Ba, mac.jbamaral@gmail.com;

² Professor Doutor do Departamento de Ciências Biológicas (DCB) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) - Jequié-Ba, marcos.lopes@uesb.edu.br;



reflexões críticas e sistemáticas que transcendam o âmbito meramente biológico e reprodutivo, nessa esfera, a abordagem da sexualidade e diversidade sexual nos anos iniciais do ensino fundamental constitui um campo de relevância e, ao mesmo tempo, de intensos debates e resistências no contexto educacional brasileiro. Por conta disso, este estudo tem como objetivo apresentar o desenvolvimento de uma ação pedagógica realizada em parceria entre uma pesquisadora no decorrer da produção de dados para uma pesquisa de mestrado, uma docente e uma turma de 5º ano dos anos iniciais, cujas discussões se aproximam de uma perspectiva pós-estruturalista (Amaral, 2016).

E quando nos aproximamos dos percursos das pesquisas e estudos pós-críticos, mais especificamente, pós-estruturalistas, desenvolvemos formas de pensar, pesquisar e escrever, transitando de diferentes modos, e nesse processo, abraçamos, de maneira singular, um lugar de fala, de expressão. Nesse sentido, perspectivando questionar as naturalizações de uma escrita fruto de culturas patriarcais, binárias, coloniais, que invisibilizam as epistemologias feministas, neste texto, iremos utilizar o artigo (a), nos posicionando no feminino, exceto, em situações bastante peculiares (Maknamara; Paraíso, 2013).

Historicamente, a Educação Sexual foi inserida no sistema formal de ensino no Brasil por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) em 1997, onde, sob o tema transversal *Orientação Sexual*, a temática e as relações de gênero ganharam espaço explícito pela primeira vez, sendo reiterada pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCNs) em 2013. Contudo, a BNCC em 2018, marcou um visível retrocesso ao excluir a temática da sexualidade dos anos iniciais do ensino fundamental e, em grande parte, de toda a sua estrutura (Brasil, 1997; 2013; 2018).

Apesar da BNCC expressar um compromisso com o respeito às diferenças e enfrentamento à discriminação e ao preconceito, a retirada da sexualidade de pauta foi um reflexo do conservadorismo e da pressão política e religiosa, levando à exclusão não apenas da palavra "sexualidade", mas também de termos como "gênero" e "orientação sexual". Essa exclusão reforça a tendência de associar a sexualidade de maneira restritiva a problemas, como doenças, violência e gravidez, distanciando-a de sua compreensão como energia mobilizadora, prazer e dimensão da expressão humana (Furlani, 2008; Desidério, 2020).

Para além da visão biologizante, o entendimento da sexualidade e do gênero deve ser pensado em uma perspectiva socio-histórico-cultural, reconhecendo-os como construções sociais e culturais. Autoras como Guacira Lopes Louro (2014) e Michel Foucault (2005), nos



direcionam a desnaturalizar categorias binárias e excludentes, como menino/menina, homem/mulher ou heterossexual/homossexual, favorecendo o questionamento da heteronormatividade dominante, visto que a sociedade, as práticas pedagógicas e os artefatos culturais e pedagógicos, como os livros para a infância por exemplo, educam ao expressar e fazer circular discursos que estabelecem a forma "adequada" e "normal" de viver a sexualidade, muitas vezes silenciando a homossexualidade e a toda a diversidade sexual.

O estudo de Dinis e Cavalcanti (2008), com estudantes de Pedagogia, reforça essa problemática, ao demonstrar que, embora haja uma adesão a um discurso politicamente correto, a maioria ainda mantém concepções binárias e excludentes sobre a produção das identidades, inclusive se posicionando contra a adoção por casais homoafetivos ou condicionando a contratação de professores homossexuais a uma “postura adequada”.

Apesar do reconhecimento da escola como espaço importante para o debate e desenvolvimento da temática sexualidade, a prática docente enfrenta desafios estruturais diversos. A dificuldade em abordar a temática é acentuada pela ausência de formação inicial e de políticas educacionais consistentes e, a invisibilidade do tema nos cursos de formação de professoras, contribui diretamente para a dificuldade na compreensão das abordagens de sexualidade, de orientação e identidade de gênero. Assim, as professoras tendem a recorrer a abordagens biológico-higienistas e moral-tradicionalistas, que destoam de uma perspectiva problematizadora e construcionista (Oliveira; Adonias de Paula; Coelho, 2024).

Diante da lacuna curricular e da resistência social, torna-se relevante a atuação de educadoras como agentes de resistência e transformação social. Considerando que a Educação Sexual precisa ser pensada como uma ferramenta ética para o autoconhecimento e para as mudanças sociais, suas abordagens podem abranger uma série de dimensões, como a técnica, a estética, a política e a ética. Isso exige inquietação e curiosidade por parte das docentes e formação continuada, para além do discurso médico-biológico, possibilitando a problematização de saberes hegemônicos, o combate ao sexismo, ao racismo, à homofobia, entre outros (Furlani, 2008; Oliveira; Adonias de Paula; Coelho, 2024).

Em suma, a ação aqui apresentada e discutida sobre a temática sexualidade e diversidade sexual no Ensino de Ciências, nos convoca na conjuntura atual, a pensar na lacuna curricular criada pela exclusão da temática na BNCC, além dos demais entraves supracitados. Afinal, apesar das tensões e da necessidade de formação docente permanente (Oliveira; Adonias de Paula; Coelho, 2024), o ambiente escolar é um palco fértil para desestabilizar normas e



estereótipos que clamam por uma educação para a sexualidade plural, que valorize o acolhimento, o respeito às diferenças e que prepare as futuras cidadãs para uma sociedade mais justa e equânime, combatendo a discriminação e as violências em suas diversas formas (Desidério, 2020; Dinis; Cavalcanti, 2008; Forlani, 2008; Xavier Filha, 2014).

2. Trilha metodológica

Este estudo assume uma metodologia qualitativa, que foca na compreensão de aspectos como significados, motivações, crenças, ideias e valores, sendo que parte dela adota uma postura interpretativa diante do mundo (Minayo, 2007; Flick, 2008). Caracteriza-se como uma pesquisa colaborativa, conforme descrito por Ibiapina (2008), que se destaca pela coconstrução de conhecimento entre as participantes. O objetivo é abordar coletivamente questões relevantes para a área da educação, com foco na colaboração e na reflexão crítica em um ambiente de produção de saberes.

A ação apresentada neste texto, faz parte de uma investigação mais ampla, que envolveu além da autora/pesquisadora, uma professora e 28 estudantes do 5º ano de uma escola municipal no interior da Bahia. A colaboração foi desenvolvida ao longo de cerca de três meses, totalizando 24 encontros. Dentre estes, oito foram conduzidas em sala de aula, enquanto 16 foram dedicadas ao planejamento, estudo e avaliação das atividades. As intervenções em sala de aula foram registradas em um diário de campo e as demais sessões foram gravadas em áudio, com a devida permissão. A produção textual e a colaboração foram norteadas por referenciais pós-estruturalistas nos campos de gênero, corpo e sexualidade. Para a interpretação dos dados, foi utilizada a Análise Textual Discursiva, uma metodologia que busca interpretar os sentidos e significados presentes nos textos (Moraes, 2003).

Neste artigo, nossa análise terá como foco uma ação/aula, que teve como tema: *Circuito Sexualidade e Diversidade Sexual*, sendo esta, a sexta das oito ações/aulas realizadas com as crianças. A respectiva ação teve duração de 4 (quatro) horas, assim como as demais e será descrita e discutida em seção a seguir, espaço no qual buscaremos detalhar a sua realização e desenvolvimento, respaldadas pelo diário de campo utilizado pela autora, ao tempo em que revisitaremos as falas, enunciados e questionamento que atravessaram o respectivo contexto.

3. Resultados e discussão

3.1. Circuito sexualidade e diversidade sexual



A respectiva ação, realizada em uma escola, por meio de um jogo/brincadeira, intitulado: *Circuito Sexualidade e Diversidade Sexual*, perpectivou problematizar com as crianças as questões e conceitos no que se referem às temática sexualidade e diversidade sexual, ao tempo em que elas interagiam, brincavam e se movimentavam. Além de se tratar de uma atividade lúdica motora, onde as estudantes exploraram todo espaço da sala que estava preparada com materiais diversos, desafiando e estimulando habilidades motoras, em um contexto no qual as funções lúdicas, favorecem a aprendizagem, tal percurso foi permeado de desafios, curiosidades, questionamentos e posicionamentos acerca das temáticas desenvolvidas, cujas vivências serão apresentadas e discutidas nesta seção (Ranyere; Matias, 2023).

Aquele foi um dia diferente, a pesquisadora/autora chegou ainda mais cedo na escola, pois como a sala de aula estava preparada para o *Circuito Sexualidade e Diversidade Sexual*, era necessário uma orientação logo no início da ação, para evitar a desorganização do espaço. Com a chegada da professora Marina³, todas se sentaram, em seguida fizeram a reflexão diária e a frequência. A professora, imediatamente, passou a palavra para a pesquisadora, para que ela pudesse explicar o circuito composto por obstáculos e questões que deveriam ser respondidas por todas, ressaltando que essas questões abordavam sobre sexualidade e diversidade sexual, tema da ação/aula.

A realização prática do circuito foi bastante demorada, tudo leva a crer que foi por conta da timidez das crianças, afinal, era necessário que fizessem movimentos com o corpo no centro da sala e toda a turma estava observando, outra questão foi a leitura das perguntas, algumas leram rápido, outras demoraram um pouco mais para fazer a leitura, com isso o circuito que tinha previsão para ser realizado em 50 minutos se estendeu por aproximadamente uma hora e meia. Percebemos que a timidez manifestada pelas crianças em se expor no centro da sala, sob o olhar das colegas, pode ser um sintoma que se relaciona com o entendimento de que a escola atua como dispositivo de controle e vigilância dos corpos dóceis e dricretos e, a resitência inicial em se movimentar durante o circuito, ao tempo em que eram assistidas/observadas, de algum modo, reflete o medo do julgamento que poderia vir dessa exposição (Louro, 2014).

Após a conclusão do circuito, a professora solicitou que a sala se dividisse em dois grupos: para a leitura, discussão e para que fosse computado o total de respostas, perspectivando uma avaliação em grupo, conforme tabela, onde apresentamos a seguir o resumo dos dados

³ Nome fictício escolhido pela própria docente participante da pesquisa. Exceto o nome das autoras, quaisquer outros nomes citados neste texto são fictícios, com a finalidade de preservar o anonimato das(os) participantes.



produzidos e os comentários extraídos do diário de bordo. Vale reiterar que a pesquisa envolveu a participação de 28 estudantes do 5º ano do ensino fundamental. A ação/aula contou com a presença de 21 estudantes e o circuito, foi composto por 10 questões:

Fig. 1 - Dados do Circuito sexualidade e diversidade sexual (10 Questões)

Questão	Tópico	Respostas Quantitativas	Comentários e Discussão Relacionados
Q1	Meninos são naturalmente mais agitados e violentos que meninas?	Sim (18); Não (2); Às vezes (1)	"Ninguém nasce violenta, é a educação dada que torna a pessoa violenta". "Se o pai tivesse o filho gay ou 'sapatona' dava uma surra e botava para fora de casa".
Q2	Você gostaria de ter um colega homossexual?	Sim (12); Não (6); Talvez (4)	"Concordamos que a nossa resposta foi certa, pois eu não me importaria se tivesse um amigo homossexual"
Q3	Sempre o sexo biológico define a identidade de gênero de uma pessoa?	Concordo (19); Discordo (2)	"O gênero não define a identidade mesmo". "Não aceito, mas respeito, mesmo se tivesse um filho respeitaria".
Q4	Meninas e meninos devem ser separados em filas, banheiros, grupos de carteiras, entre outros?	Sim (9); Não (11); Às vezes (2)	"Concordo que algumas coisas são diferentes mesmo, já pensou menino e menina tudo em um banheiro só, seria uma loucura!".
Q5	O que vocês pensam sobre meninas andarem de mãos dadas com meninas e de meninos andarem de mãos dadas com meninos é:	Certo (14); Normal (7); Errado/Estranho (0)	A professora regente comentou: "Eu mesma acho estranho, pois nunca vi". Outras disseram: "Algo normal".
Q6	Conversa com pais, mães, colegas e amigas sobre sexo e sexualidade?	Sim (3); Não (13); Às vezes (5); Nunca (2)	A maioria das crianças afirmou que as mães tinham vergonha de falar sobre os assuntos, e que elas, por sua vez, também tinham vergonha de perguntar.
Q7	O que você entende por homossexualidade?	Normal (14); Algo vergonhoso (3); Uma escolha (3); Forma de viver a sexualidade (1); Doença (0)	"Homossexualidade é um homem que não deixa de ser homem, mas que se atrai por outro homem". "Não concordo, não é algo normal". "Algo vergonhoso", "É a forma de viver a sexualidade".
Q8	Já discriminou uma pessoa por ser homossexual (gay) ou lésbica (sapatona)?	Sim (6); Não (15)	Não houve comentários
Q9	Você se considera uma pessoa preconceituosa?	Não (21)	Todas as 21 crianças presentes responderam que não se consideravam preconceituosas. "é fundamental e faz parte da vida, nós



		<i>temos que saber para quem perguntar e onde pesquisar, para tirar nossas dúvidas ou então quando tivermos nossos filhos vamos fazer o mesmo que as nossas mães e esses assuntos vão continuar presos".</i>
Q10	Alguém sofreu preconceito, já foi discriminada?	Sim (12); Não (9)
		Não houve comentários

Logo após a realização do circuito e início das discussões em sala, a aluna que ficou responsável por ler a questão e computar as respostas do grupo, disse que não concordava que meninos fossem naturalmente mais violentos, pois para ela *“ninguém nasce violenta, é a educação dada que torna a pessoa violenta”*, concordando com a ideia de que o comportamento violento, preconceituoso é aprendido, nos constituímos enquanto pessoas violentas, sobretudo, os meninos, cujas subjetividades são produzidas e reiteradas por meio de normativas sobre o corpo, o gênero e a sexualidade, o que resulta em violência e repressão (Xavier Filha, 2014).

Em contraponto, outra aluna salienta: *“se o meu pai tivesse o filho gay ou “sapatona” dava uma surra e botava para fora de casa”*. Esta fala revela que a rejeição e a violência contra indivíduos com identidades sexuais e de gênero dissidentes são, infelizmente, uma realidade de muitos núcleos familiares. O conflito intrafamiliar inclusive, pode levar a atos de extrema violência física, por vezes perpetrados por famílias que tentam "curar" seus filhos de sua homossexualidade, sob a justificativa de convicções religiosas, por exemplo (Santos; Souza, 2020). Os enunciados supracitados, reiteram a relevância da abordagem da diversidade sexual nas escolas, visando combater preconceitos que, dentro do ambiente familiar, podem gerar violência física contra jovens LGBTQIAPN+, levando em conta que problematizar acerca da diferença, também é proteger vidas (Oliveira; Adonias de Paula; Coelho, 2024).

“Concordamos que a nossa resposta foi certa, pois eu não me importaria se tivesse um amigo homossexual”, foi o comentário da representante do grupo, após responder se elas gostariam de ter uma colega homossexual. Percebam que embora as respostas positivas fossem a maioria, ainda teve um quantitativo significativo de respostas negativas, além das que ficaram com dúvida (figura acima). Essa aparente aceitação, frequentemente, se restringe a um plano teórico e não representa uma mudança importante nas concepções e ideias binárias e excludentes que são aprendidas nos diferentes espaços, como a escola, a família e demais instituições que costumam reiterar uma forma única de ser mulher/homem e contribui com o apagamento de outras possibilidades (Dinis; Cavalcanti, 2008; Louro, 2014).

Sempre o sexo biológico define a identidade de gênero de uma pessoa? Esse foi o



terceiro questionamento feito durante a execução do circuito. Em tal conjuntura, uma estudante respondeu: “*o gênero não define a identidade mesmo não*” e uma das colegas, salientou “*eu não aceito, mas respeito, mesmo se tivesse um filho respeitaria*”. No segundo enunciado, a atitude de “respeitar, mas não aceitar” a identidade alheia, é vista como uma forma de tolerância. Isso demonstra o quanto as visões binárias e excludentes estão enraizadas, onde a pessoa que respeita ainda acredita que qualquer desvio da norma é uma negação da identidade “verdadeira”. Nesse contexto, o respeito e tolerância são atravessados por relações de poder e apenas evitam o desafio de questionar e modificar as normas internas que produzem e categorizam as identidades sexuais e de gênero e o modo de lidar com a diferença (Silva, 2014).

A quarta questão dizia o seguinte: vocês concordavam que meninas e meninos devem ser separados em filas, banheiros, grupos de carteiras, materiais escolares, tipos de presentes, crachás, entre outros? Que teve como comentário: “*Concordo que algumas coisas são diferentes mesmo, já pensou menino e menina tudo em um banheiro só, seria uma loucura!*” (grifo da autora). Notamos nesta fala, certo temor e aversão ao pensar na possibilidade de banheiros “neutros”, revelando como a sociedade pensa e se organiza de modo binário e heteronormativo. E a escola, ao manter o controle estrito sobre locais como o banheiro, atua como um mecanismo que reitera a produção do masculino e do feminino de verdade, de sujeitos “normais”, deixando de pensar as identidades que fogem da norma cisheterossexual (Dinis; Cavalcanti, 2008).

Enquanto para a turma, meninas andarem de mãos dadas com meninas e de meninos andarem de mãos dadas com meninos, era considerado algo correto, normal, questão que não obteve resposta negativa, durante as discussões sobre este questionamento a professora citou: “*Eu mesma acho estranho, pois nunca vi*”. Notamos que mesmo tendo se permitido, em alguns momentos, a professora se posicionou demonstrando reafirmar alguns estereótipos e preconceitos que atravessam sua visão e práticas.

Ao serem questionadas se conversavam com pais, mães, colegas e amigas sobre sexo e sexualidade, a maioria das estudantes afirmou que as mães tinham vergonha de falar sobre os assuntos, e que elas, por sua vez, também tinham vergonha de perguntar. O diálogo sobre sexualidade é tradicionalmente dificultado pelo silenciamento, tabus e preconceitos enraizados na cultura e nas relações sociais. Embora a família seja a referência inicial para a educação sexual, o modelo familiar frequentemente funciona como uma agência de controle e regulação da sexualidade. Essa dinâmica repressiva é reforçada por uma sociedade que, apesar de



hipersexualizada, ainda mantém um forte puritanismo, o que faz com que muitas famílias resistam à abordagem do tema na escola, chegando a contestar docentes por supostamente estarem "ensinando ousadia". Consequentemente, o constrangimento e o medo de represálias ou de fugir à norma dificultam a comunicação aberta e promovem uma restrição estratégica da discussão, tanto no contexto familiar quanto no escolar (Adonias de Paula; Coelho, 2024; Furlani, 2008; Santos; Souza, 2020).

O título deste texto foi pensado a partir da fala de uma aluna, ao discutirmos acerca do conceito de homossexualidade na sétima questão da atividade, para ela: *"homossexualidade é um homem que não deixa de ser homem, mas que se atrai por outro homem"*. Outra aluna, argumentou: *"não concordo com isso, não é algo normal"*. Algumas crianças disseram ser *"algo vergonhoso"*, e outra respondeu que *"é uma forma de viver a sexualidade"*. Para Figueiredo e Souza (2024), as discussões sobre a homossexualidade no ambiente educacional ocorrem em um contexto em que a heterossexualidade é imposta como a norma desejável e o padrão de referência. Consequentemente, atitudes que se desviam dessa norma são frequentemente vigiadas e reprimidas por meio de agressões, visto que historicamente a homossexualidade já foi caracterizada como desvio sexual (Junqueira, 2012).

A oitava questão que questionava se elas já tinham discriminado uma pessoa por ser homossexual (gay) ou lésbica (sapatona), obtivemos seis respostas positivas e quinze, negativas. Na décima e última questão, foi perguntado se alguém já havia sofrido preconceito ou sido discriminada, em tal direção, obtivemos doze respostas positivas e nove negativas. No entanto, no decorrer das discussões, não houve comentários sobre ambas questões e a professora aproveitou para problematizar os conceitos de preconceito e discriminação e se elas sabiam o que era preconceito, contexto no qual esse desarranjo foi exposto, então ela dialogou com a turma sobre o significado do termo dando alguns exemplos. Notamos desse modo, que a falta de domínio conceitual entre as estudantes, demonstra a necessidade de ações pedagógicas que promovam o diálogo, problematização e a apropriação de conceitos como esses, cujas ausências dessas abordagens, reiteram o desconhecimento, assim como, ações preconceituosas e violentas.

Ao problematizarmos a nona questão, uma aluna pontuou: *"Para mim, sexualidade é fundamental e faz parte da vida, nós temos que saber para quem perguntar e onde pesquisar, para tirar nossas dúvidas ou então quando tivermos nossos filhos, vamos fazer o mesmo que as nossas mães e esses assuntos vão continuar presos"*. O posicionamento da aluna, denota o



envolvimento com as discussões realizadas ao longo da pesquisa e, sobretudo, durante a ação/aula. Segundo Desidério (2020), a afirmação de que a sexualidade é fundamental e parte integrante da vida, revela a tensão entre a necessidade individual de conhecimento e as lacunas existentes, frente a um cenário de apagamento e silenciamento das temáticas nos currículos escolares. Além disso, o receio de represálias familiares ou a falta de preparo para lidar com questões complexas, como as que envolvem a diversidade sexual e de gênero, contribuem para que a temática continue a ser evitada ou tratada de forma superficial no ambiente escolar (Santos; Souza, 2020).

Diante do exposto, salientamos que muitas discussões poderiam ser feitas neste texto, contudo nosso intuito é apresentar a ação realizada, como uma possibilidade para trabalharmos as temáticas sexualidade e diversidade sexual em sala de aula nos anos iniciais. Não queremos dizer com isso, que será tranquilo e fluido, mas mostrar que, mesmo em meio aos desafios e limitações, pode ser possível. Como vimos por meio da vivência em sala de aula, as crianças se interessam e se envolvem em questionamentos sobre corpo, sexualidade, diversidade sexual e gênero, nos fazendo pensar a importância de promover um trabalho problematizador e efetivo, para além do que é sugerido e/ou suprimido pelos documentos oficiais.

Algumas considerações

Os resultados da ação apresentada e discutida neste texto, manifestaram o interesse e envolvimento das crianças sobre as temáticas sexualidade e diversidade sexual. As estudantes, por um lado, deram abertura ao afirmar que não se importariam em amigas homossexuais e reconheceram que o sexo biológico nem sempre define a identidade de gênero. Por outro lado, a atividade permitiu perceber a reiteração de visões tradicionais e a ausência de domínio conceitual sobre termos como preconceito e discriminação, além dos tabus e silenciamentos que envolvem as conversas com as famílias.

A experiência vivenciada pela autora/pesquisadora e pela professora docente da turma, demonstrou que, mesmo nos anos iniciais, as crianças se envolvem em questionamentos sobre sexualidade, diversidade sexual, gênero e relações sociais e que essas podem ser trabalhadas de modo tranquilo e fluido, para além dos entraves existentes.

A respectiva ação, que fez parte de uma pesquisa mais ampla, nos direciona a pensar que, apesar dos desafios estruturais e da ausência de formação inicial e continuada para docentes, o ambiente escolar favorece a abordagem da sexualidade em suas múltiplas



dimensões. Nesse sentido, mesmo em um contexto desafiador como o escolar, é possível colocar em prática um Ensino de Ciências, que não negue o biológico, mas que questione o determinismo e avance em uma perceptiva construcionista, plural, que valorize o acolhimento, o reconhecimento e valorização da diferença e que combata a discriminação e questione os saberes hegemônicos, visando à formação de futuras cidadãs, questionadoras e reflexivas, objetivando uma sociedade mais justa e equânime.

Referências

AMARAL, Mac Cleide de Jesus Braga. **“Ta vendo gente? Dá certo! É como eu sempre falo: a palavra comove, mas o exemplo arrasta”**: análise de uma ação colaborativa sobre as temáticas corpos, gêneros e sexualidades no ensino fundamental. (Dissertação de Mestrado) - Jequié, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, Jequié - Bahia, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília: MEC; SEB; DICEI, 2013. Disponível em: <
http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192 >. Acesso em: 02 set. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

DESIDÉRIO, Ricardo. A exclusão da temática sexualidade nos anos iniciais do ensino fundamental na BNCC e seus reflexos para o ensino de ciências. **Horizontes – Revista de Educação**, Dourados-MS, v. 8, n. 15, p. 98-112, jan./jun. 2020.

DINIS, Nilson Fernandes; CAVALCANTI, Roberta Ferreira. Discursos sobre homossexualidade e gênero na formação em pedagogia. **Pró-Posições**, Campinas, v. 19, n. 2 (56), p. 235-248, maio/ago. 2008. Disponível em: <
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/announcement>> Acesso em: 05 out.2025.

FIGUEIREDO, Roniel Santos; SOUZA, Marcos Lopes de. CADÊ O CURRÍCULO QUE ESTAVA AQUI? O CONSERVADORISMO COMEU? AS TENSÕES CURRICULARES ENVOLVENDO GÊNERO E SEXUALIDADE QUE CIRCUNDAM O NOVO ENSINO MÉDIO NA BAHIA. **Cenas Educacionais**, [S. l.], v. 7, p. e20142, 2024. DOI: 10.5281/zenodo.13917197. Disponível em:
<https://revistas.uneb.br/cenaseducacionais/article/view/20142> . Acesso em: 15 set. 2025.

FLICK, Uwe. Introdução à pesquisa qualitativa. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009



FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. 16. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

FURLANI, Jimena. Educação sexual: quando a articulação de múltiplos discursos possibilita sua inclusão curricular. **Perspectiva**, [S. l.], v. 26, n. 1, p. 283–317, 2009. DOI: 10.5007/2175-795x.2008v26n1p283. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795x.2008v26n1p283>. Acesso em: 20 out. 2025

IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo. **Pesquisa colaborativa:** investigação, formação e produção de conhecimentos. Brasília: Liber Livros, 2008.

JUNQUEIRA, R. D. Pedagogia do armário e currículo em ação: heteronormatividade, heterossexismo e homofobia no cotidiano escolar. In: MISKOLCI, R.; PELÚCIO, L. (Orgs.). **Discursos fora de ordem: sexualidades, saberes e direitos**. São Paulo: Annablume; Fapesb, 2012. p. 277-305.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 2014.

MAKNAMARA, M., & PARAÍSO, M. A. (2013). Pesquisas pós-críticas em educação: notas metodológicas para investigações com currículos de gosto duvidoso. **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, 22(40), 41-53.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.); DESLANDES, Suely Ferreira; Gomes, Romeu. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 25ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. *Ciência & Educação*, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.

OLIVEIRA, Ronaldo Monteiro de; ADONIAS DE PAULA, Roberto; COELHO, Euriclêa Gomes. A Educação Sexual e o Ensino de Ciências : o estado do conhecimento. **Rebena - Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem**, [S. l.], v. 9, p. 504–518, 2024. Disponível em: <https://rebena.emnuvens.com.br/revista/article/view/280>. Acesso em: 03 out. 2025.

RANYERE, Jean; MATIAS, Neyfsom Carlos Fernandes. A Relação com o Saber nas Atividades Lúdicas Escolares. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 43, p. e252545, 2023.

SANTOS, Fernanda Figueredo dos; SOUZA, Marcos Lopes de. Educação, gênero e sexualidade: percursos e instabilidades do fazer-se pesquisadora/pesquisador-professora/professor. **ESPAÇO DO CURRÍCULO**, João Pessoa, v. 8, n. 2, p. 209-222, maio-ago. 2015

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais** / Tomaz Tadeu da Silva (Org.) Stuart Hall, Kathryn Woodward. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

XAVIER FILHA, Constantina. Gênero, corpo e sexualidade nos livros para a infância. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 40, n. 4, p. 953-968, out./dez. 2014.

